

MINISTÉRIO DO INTERIOR
Fundação Nacional do Índio — FUNAI
6ª Delegacia Regional

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

Data: / /
Cod. GTD00076

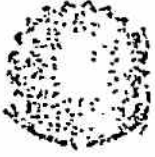
RELATÓRIO SOBRE INCIDENTES VERIFICADOS ENTRE
ÍNDIOS GUAJAJARA E MORADORES DO LUGAR RUPÉ
- E A POLÍCIA MILITAR DO MARANHÃO.

No dia 26 de fevereiro p.passado, por volta das 6:00 horas da manhã, um pequeno grupo de índios guajajara da aldeia ALTAMIRA, quando se dirigia a uma pescaria, encontrou-se dentro da área indígena, com um grupo de moradores vizinhos da referida área, com quem já tinham uma velha rixa. Segundo os índios, um dos moradores de nome Bonfim e que fazia parte do grupo, sem nenhuma explicação disparou um tiro de espingarda tentando alvejar o índio de nome Virgílio, o que não conseguiu, pois o índio teria jogado-se dentro do mato, defendendo-se assim do tiro.

Em seguida, segundo os índios, houve um corpo a corpo, tendo os índios conseguido imobilizar o que atirou, tomando-lhe a espingarda. Os outros, que acompanhavam o indivíduo que ficou imobilizado, conseguiram fugir para a fazenda de nome Xupé, de propriedade da família conhecida na região como BECA.

Após prender o Sr. Bonfim, os índios ficaram sem saber o que fazer. E sabiam que os homens que fugiram certamente iriam buscar ajuda na fazenda para resgatarem o agressor que estava preso.

Continua.....



MINISTÉRIO DO INTERIOR

Fundação Nacional do Índio - FUNAI

6ª Delegacia Regional

FL. 02

Contam os índios que temendo de serem atacados por los parentes do que estava preso, resolveram surpreendê-los antes da saída da área da Fazenda. E assim fizeram. Surpreenderam os moradores da Fazenda antes mesmo que eles tomassem o caminho ru- no ao local onde ocorreria o atrito.

Houve um corpo a corpo entre os índios e os morado- res da Fazenda, inclusive tiros disparados de ambas as partes. Os índios que participaram do ataque somavam cerca de 40 (quarenta) índios e os moradores "civilizados" cerca de duas dezenas.

Os índios conseguiram dominar a situação. Entretanto no meio da briga, quando um índio tentava tomar uma espingarda de um dos moradores da Fazenda de nome Reinaldo, a arma disparou atingindo mortalmente um dos seus irmãos, que também participava da briga.

A maioria dos civilizados conseguiu fugir, inclusive o ferido a tiro de cartucheira. Os índios prenderam mais dois dos moradores e levaram para a aldeia Colônia, distante cerca de 20 quilômetros da Aldeia Altavira (a aldeia Altavira foi abando- nada pelos índios com medo de represálias pelos brancos).

Os moradores que conseguiram fugir, deram o alarme e a notícia chegou a Barra do Corda, e um dos proprietários da Fa- zenda, irmão dos que estavam presos na aldeia Colônia, de nome José Maria Loreira Barros procurou o Sub-Comandante da Polícia Militar em Barra do Corda, Capitão MARCUS (estava substituindo o Major Xavier) e pediu ajuda. Soubemos que saiu uma patrulha da



MINISTÉRIO DO INTERIOR
Fundação Nacional do Índio — FUNAI
6ª Delegacia Regional

Fl. 03

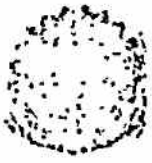
Polícia com destino ao local. (só ficamos sabendo deste detalhe depois de ter saído a patrulha). O Capitão Mateus não teve o cuidado de avisar a FUNAI sobre a ocorrência.

Por volta das 15:00 horas chegou em Barra do Corda no carro da MICEB, o índio José César Potyguara que veio avisar o que ocorrera e informar que na aldeia Colônia encontravam-se 03(tres) civilizados presos.

Imediatamente foi avisado ao Delegado de Polícia qm, aliás já sabia do corrido e não nos tinha comunicado. Em seguida o servidor Eduarão Barbosa Viana, deslocou-se rumo à aldeia Colônia, na tentativa de resgatar os "civilizados" que se encontravam presos e acalmar os índios.

Por volta das 23:30 horas daquele dia, retornou Eduardo trazendo consigo os "civilizados" que estavam presos, entre eles um ferido necessitando de cuidados médicos. O ferido foi imediatamente encaminhado para um hospital. Os outros ficaram na sede da Ajudância enquanto tentávamos saber deles a razão do ocorrido.

Quando ainda nos encontrava conversando com aqueles "civilizados" e proprietários da Fazenda Xupé, compareceu na sede da Ajudância uma patrulha da Polícia Militar comandada pelo Tenente Alcino que procurou inteirar-se dos fatos. Explicamos ao Tenente que estávamos exatamente naquele momento procurando apurar as causas do incidente junto aos dois operadores da Fazenda Xupé que ali se encontravam em nossa sala, após resgatarmos



MINISTÉRIO DO INTERIOR
Fundação Nacional do Índio — FUNAI
6ª Delegacia Regional

Fl. 04

das mãos dos índios.

Após acompanhar parte do diálogo que mantivemos com aqueles dois indivíduos, o Tenente pediu-nos que os liberassem sob sua responsabilidade, pois estavam muito nervosos e naquela ocasião pouco podiam esclarecer o que realmente tinha ocorrido.

Junto aos índios procuramos saber maiores explicações sobre o incidente e eles sustentavam a versão de que inicialmente foram atacados a tiros e depois apenas revidearam.

Ficamos sabendo que eles também teriam apanhado alguns objetos que encontraram na casa da Fazenda e teriam levado para a aldeia. Pedimos a eles que devolvessem e eles se prontificaram a devolver. Entre os bens que entregamos à polícia e que estavam em poder dos índios e que foram apanhados na Fazenda e tomado dos civilizados, incluem-se o seguinte:

- 3 (tres) cartucheiras calibre 20,32 e 28;
- 1 (hum) rifle calibre 44
- 1 (hum) rifle 22.

Procuramos acalmar os índios e após um dia em Barra do Corda, retornaram a sua aldeia, com a promessa de que não iriam sair da área indígena.

Comunicamos o fato à sede da 6ª DR e pedimos a presença de um advogado para acompanhar o inquérito que

MINISTÉRIO DO INTERIOR

Fl. 05

Fundação Nacional do Índio — FUNAI

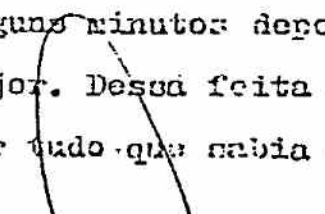
6ª Delegacia Regional

certainamente seria instaurado.

Fomos chamados ao Comando da Polícia Militar em Barra do Corda, a convite do Sr. Comandante para prestar esclarecimentos sobre o incidente. O Sr. Comandante ao abordar o assunto em tom agressivo, responsabilizou-nos por tudo que ocorrera. Além, o Sr. Comandante da PM em Barra do Corda — Major Xavier, veladamente, desde o ano passado vem nos fazendo ameaças, inclusive de prisão.

Não aceitamos a posição do Major, pedindo que nos tratasse bem, pois não devíamos nenhuma obrigação a ele. E se ele tivesse alguma coisa contra nós que escrevesse e responsabilizasse-nos através de meios legais, pois não podíamos aceitar a posição dele. Quero frisar bem que esta atitude do Major de nos responsabilizar pelo fato foi tomada antes mesmo dele ouvir nossas explicações sobre o ocorrido.

Após a discussão, ele pediu ao Capitão Mateus, Sub-Comandante do Batalhão que nos convidasse para irmos até sua sala. Estranhando um pouco tudo aquilo, fomos até a sala do Capitão. Lá, em conversa informal, chegamos a explicar tudo que sabíamos sobre o assunto. Em seguida o Major Xavier convidou o Chefe do PI. Guajajara, Eduardo Barboca Viana, que nos acompanhava, para ir até sua sala, pois queria ouvir-lhe a ós. Estranhámos mais aquela atitude agressiva do Comandante. Alguns minutos depois foi a minha vez de "dar explicações" ao Major. Dessa feita fui tratado com mais respeito. Procurei detalhar tudo que sabia a respeito do incidente.



MINISTÉRIO DO INTERIOR

Fl. 50

Fundação Nacional do Índio — FUNAI

6ª Delegacia Regional

Retornamos à sede da Ajudância.

A população da cidade estava revoltada com a morte do "civilizado". Uma amplificadora instalada num veículo, percorria as ruas de Barra do Corda anunciando a morte de "um pai de família morto pelos índios da aldeia (SIC)", provocando mais ainda a ira dos chamados "brancos" contra os índios.

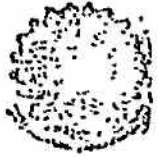
Alguns índios das aldeias Coquinho e Muçum vieram a Ajudância denunciar o desaparecimento inexplicável dos dois índios, MATEUS GUAJAJARA e MOREIRA GUAJAJARA e avisar a grande apreensão que se encontravam devido ao fato.

Inicialmente pensamos que os índios poderiam estar na mata caçando ou realizando outra atividade qualquer.

Quando o Capitão Mateus veio receber os objetos que os índios teriam apanhado na casa da Fazenda, fez-se acompanhar do Sr. José Maria Moreira Barros, um dos irmãos proprietários da Fazenda Xupé. Após o recebimento dos objetos, no seguinte dia, avisamos ao Capitão Mateus da nossa apreensão pelo desaparecimento dos índios. Nada nos foi dito a respeito.

Determinamos aos funcionários Higinio e Adriano Carvalho Guajajara para se deslocarem às aldeias de onde os índios tinham desaparecido e, junto com os membros da comunidade, voltassem a procurá-los minuciosamente.

O Advogado da 6ª DR esteve em Barra do Corda e inserimos-lhe do que ocorrera. Visitou o Comando da Polícia Militar, Delegacia da Polícia e Juiz de Direito. Após as visitas informou-nos que tudo estava andando bem e sob controle.



MINISTÉRIO DO INTERIOR

Fundação Nacional do Índio — FUNAI

Fl. 07

6ª Delegacia Regional

Os nossos funcionários retornaram das buscas sem nenhuma notícia dos índios desaparecidos. Trouxeram, entretanto, informações de que alguns teriam visto, no dia 26 (dia em que houve o incidente na Fazenda Kupé) um carro da Polícia Militar parado nas proximidades da aldeia Coquilho e os soldados descendo. Teriam visto também um VOLKSWAGEN de cor avermelhada, em marcha ré, aproximando-se do veículo da Polícia. Informaram ainda que, pelos sinais deixados no solo os índios identificaram que soldados teriam descido dos veículos e movimentado-se nas proximidades, coincidindo com o rastro identificado como sendo de um dos índios desaparecidos.

De posse desta informação, voltamos ao Comando da Polícia Militar e deixamos o Comandante a par da situação. E na ocasião perguntamos ao Capitão Mateus se o veículo que ele teria viajado (um fusca vermelho — coincidindo com a informação dos índios e do "Patrolheiro" do BEC de nome Rainundo Honato Duarte) teria parado dentro da área indígena. Ele respondeu negativamente. Perguntamos ainda se o fusca vermelho teria aviajado na frente ou atrás do carro da Polícia. O Capitão respondeu que o carro vermelho ia atrás, justificando que o dono do veículo antes mesmo de sair de Barra do Corda teria parado em sua residência para apanhar uma canis. Versão que ia de encontro ao depoimento dos índios, tudo indicando que o Capitão estava escondendo alguma coisa.

Fiz ver ao Major que um dos Sargentos de nome IZABELRA que teria participado da diligência à Fazenda Kupé, estava meio desconfiado conosco, pois antes da dita diligência sempre nos cumprimentou e ao retornar deixou de o fazer, evita-

MINISTÉRIO DO INTERIOR

Fundação Nacional do Índio — FUNAI

6ª Delegacia Regional

Fl. 08

evitando, inclusive de encarar-nos, numa atitude suspeita.

No dia 29 de fevereiro, recebemos um recado para comparecermos ao quartel de Polícia para falar com o Comandante. Ao chegarmos, o Sr. Comandante deu-nos ciência de que os índios desaparecidos estavam mortos e os corpos teriam sido jogados no rio Mearim. Perguntei-lhe, ainda, se a Polícia estava envolvida e ele respondeu que não. Pediu-me prudência ao notificar o fato aos índios.

Esta notícia nos foi dada em presença do Capitão Mateus, Sub-Comandante da Polícia Militar, em Barra do Corda.

Perguntamos ao Major sobre a localização possível dos corpos e ele não soube precisar.

Retornamos à sede da Ajudância e empreendemos uma viagem às aldeias Muçum e Coquinho, local onde os índios assassinados residiam. Ao chegarmos nas aldeias encontramos os índios todos na beira da estrada. Eles estavam tristes e preocupados.

Ao descermos da viatura perguntaram-nos pelos parentes desaparecidos. Quando contamos o que já sabíamos, como era de se esperar, os parentes imediatos começaram a chorar. Alguns baixaram simplesmente a cabeça lamentando. Pedimos-lhes que tivessem calma que iríamos encontrar os criminosos e processá-los devidamente. Em seguida rumamos para a aldeia Coquinho, onde a cena repetiu-se. Repetimos também o pedido de calma e fizemos-lhes a promessa de trazer-lhes o corpo do índio Mateus.

Retornamos a Barra do Corda e entramos em contato com o Comando da Polícia Militar numa tentativa de colher mais

MINISTÉRIO DO INTERIOR

Fl. 09

Fundação Nacional do Índio - FUNAI

6ª Delegacia Regional

maiores detalhes sobre a localização dos corpos. Na ocasião, fomos apresentados ao Cel. Neon, identificado como sendo a pessoa que teria sido designada pelo Sr. Secretário de Segurança para apurar responsabilidades com relação aos incidentes. Assim é que, por iniciativa nossa, propomos que fosse realizada uma diligência ao local onde possivelmente os índios teriam sido assassinados, quando deveriam participar membros da Polícia Militar e funcionários da FUNAI. Notei que tanto o Major Comandante quanto o Cel. Neon tinham receio de enviar policiais ao local, passando pela BR-226 (local onde os índios teriam sido sequestrados) temendo represálias possíveis por parte dos índios. Sugerimos-lhes então, que a viatura que conduzisse os policiais seguisse imediatamente atrás da viatura da FUNAI, que acreditávamos agindo assim, não haveria risco nenhum de represálias por parte dos índios.

Ficou acertado e por volta das 12:00 horas do dia 01 de março, saíram os funcionários da FUNAI e a equipe de policiais sob o comando do Tenente Marcos rumo ao local onde os índios teriam sido assassinados.

Paralelamente, havíamos designado o Aux. de Ensino, José César Potyguara para deslocar-se rumo a aldeia Altamira para verificar se após os índios abandonarem a aldeia os moradores vizinhos ou mesmo policiais teriam depredado as casas e roça dos índios pois os índios da aldeia Coquinho, digo, Colônia, teriam ouvido tiros durante a noite anterior.

Por volta das 17:30 horas retornou da aldeia Colônia na viatura da FUNAI o servidor José César Potyguara que nos informou ter encontrado o corpo do índio Mateus boiando no rio Mearim



MINISTÉRIO DO INTERIOR

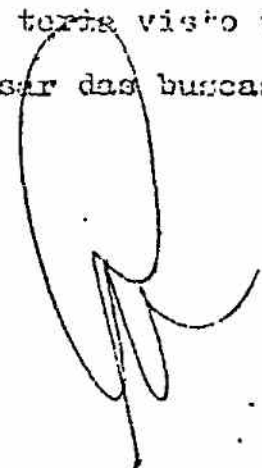
Fundação Nacional do Índio — FUNAI

6ª Delegacia Regional

Fl. 19

nas proximidades da aldeia Altamira. Informou ainda que juntamente com alguns índios teriam procurado prender o corpo junto à margem do rio com pedaços de pau, procurando evitar que as águas levassem o corpo daquele local.

Como na ocasião portava uma máquina fotográfica, tirou algumas chapas do cadáver, fazendo-nos a entrega do filme, que imediatamente mandamos revelar. Em seguida fomos comunicar ao Comandante da PM e ao Cel. Neon sobre o achado e que naquele momento possivelmente, estaríamos seguindo para o local para resgatar o corpo. Entretanto, não viajamos imediatamente pois resolvemos ficar aguardando a chegada da outra equipe de funcionários que seguiu acompanhada pela Polícia rumo ao local onde os índios teriam sido assassinados. Por volta das 23:00 horas retornou o Sr. Eduardo já na viatura da polícia, de vez que a da FUNAI ficara estacionada na estrada que liga a Fazenda Xupé à PR-226. Eduardo relatou-nos o que vira e ouvira, dizendo que moradores da fazenda vizinha (Fazenda Jóia) teriam presenciado a execução dos dois índios; que segundo testemunhas, teriam sido assassinados pelo indivíduo de nome José Maria Moreira Barros, um dos donos da Fazenda Xupé. É que o crime teria sido praticado na presença do Capitão da PM, Mateus e seus comandados. Afirmou também que a testemunha da aldeia "Neguinho" e de nome Almir Rogério, teria visto também jogarem os corpos dos índios no rio. Mas apesar das buscas não foi encontrado nenhum vestígio dos corpos.



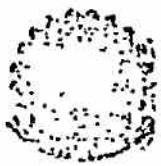


MINISTÉRIO DO INTERIOR
Fundação Nacional do Índio — FUNAI
6ª Delegacia Regional

Fl. 11

Depois de certificar-nos disto, seguimos juntos para a aldeia Colônia com o propósito de resgatarmos o corpo já encontrado, que era o do índio Mateus.

Chegamos na aldeia Colônia por volta de 01:00 hora da madrugada e quando da nossa chegada começou a chover, impedindo o prosseguimento da viagem. Ao amanhecer este Chefe, o servidor Higino e alguns índios seguimos a pé rumo ao local onde estaria o corpo do índio Mateus. Lá chegando, para o nosso espanto, não encontramos mais o cadáver. Nem mesmo sinais. Somente os pedaços do pau que os índios teriam fixado. Procuramos nas proximidades rio abaixo e nada encontramos. Imaginamos que as águas do rio Mearim teriam subido durante a noite e o corpo poderia ter sido deslocado de onde se encontrava. Pedimos então aos índios que cortassem algumas tabocas (barbu) para que fizéssemos uma jangada, pois pretendíamos seguir rio abaixo procurando reencontrar o corpo do índio Mateus e, ao mesmo tempo procurar e encontrar o corpo do índio Moreira que certamente também estaria boiado no rio Mearim. Enquanto os índios cortavam as tabocas, este Chefe e o servidor Higino, mais dois índios, seguimos rio acima, sempre pelas margens, procurando encontrar algum sinal do corpo do índio Moreira. Tão logo ficaram prontas as jangadas (foram feitas duas), seguimos, este Chefe e o servidor Higino numa jangada (a maior) e o índio Ribamar noutra. Descemos o rio com muita atenção, verificando com muito cuidado as margens para ver se localizávamos os corpos dos índios mortos.



MINISTÉRIO DO INTERIOR
Fundação Nacional do Índio — FUNAI
6ª Delegacia Regional

Fl. 12

Viajamos a manhã toda até a tarde quando chegamos de volta à aldeia Colônia. Alguns índios esperavam preocupados pois sabiam que atravessaríamos cachoeiras perigosas. Mas felizmente nada nos aconteceu porém, não encontramos nenhum vestígio dos corpos.

Retornamos a Barra do Corda, deixando entretanto instruções para o funcionário Cássio, lotado na sede do PI. Guajajara continuar as buscas, rumando num barco a motor que fretamos em Barra do Corda e que já vinha subindo o rio, a procura dos corpos dos índios desaparecidos, conduzido pelo funcionário de nome Izaias. Ao chegarmos em Barra do Corda, fomos comunicar ao Major Xavier e ao Cel. Neon o desaparecimento mais uma vez do corpo do índio Mateus, inclusive levando-lhes já as fotografias do corpo quando foi encontrado. Na ocasião o próprio Major Xavier levantou a suspeita de alguém ter interesse em esconder o corpo, dando-nos a entender que nós teríamos esse interesse. Achei muito estranha a posição do Major e retruquei imediatamente afirmando que quem tinha escondido os corpos dos índios até então teria sido a própria polícia, uma vez que tinha participado do sequestro dos índios, assistido o crime e também participado na ocultação dos corpos quando foram jogados nas águas do rio Moarim. Mais uma vez senti que a nossa segurança estava ameaçada, pois a Polícia, através do seu Comandante estava demonstrando parcialidade e se já existiam dois mortos e aumentó de mais, talvez não visasse dife-



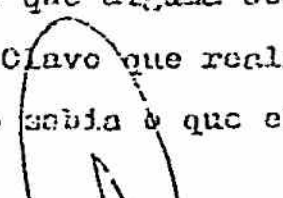
MINISTÉRIO DO INTERIOR
Fundação Nacional do Índio - FUNAI
6ª Delegacia Regional

Fl. 13

diferença para eles. Esta minha dedução prendeu-se ao fato de sempre termos sido hostilizados pelo Comandante da Polícia e por ter recebido por várias vezes ameaças de prisão até por seu subordinado (Capitão Veloso).

Foi feito um termô de nossa declaração com respeito ao desaparecimento do corpo do índio Mateus que tinha sido encontrado pelos índios e mais tarde desapareceu misteriosamente. Ao encerrar o depoimento sobre o desaparecimento pela segunda vez do corpo do índio Mateus, o Cel. Neon que alabora as perguntas queria que respondêssemos quem, na nossa opinião, teria assassinado os índios numa tentativa clara de saber nossa opinião e até que ponto tínhamos conhecimento do crime. Em seguida retornamos à FUNAI e depois a nossa residência.

Por volta das 23:00 horas fomos procurados pelo Sr. Olavo, um dos fazendeiros vizinhos à área indígena que veio a procura de notícias do Sr. Edimar, também um dos proprietários da Fazenda e que teria sido convocado pela Polícia para depor desde cedo e até aquela hora ainda não tinha retornado. O Sr. Edimar foi quem nos confessou que um dos seus empregados presenciou o crime praticado contra os índios. Como a hora já era avançada e o Sr. Edimar não tinha retornado, os seus familiares estavam apreensivos com a demora, temendo até que alguma coisa tivesse acontecido com ele. Expliquei ao Sr. Olavo que realmente tinha visto o Sr. Edimar no quartel mas não sabia se ele estaria fazendo lá.





MINISTÉRIO DO INTERIOR
Fundação Nacional do Índio — FUNAI
6ª Delegacia Regional

Fl. 14

Na segunda-feira, dia 03, por volta das 16:00 horas, retornou das buscas o nosso funcionário Cássio avisando ter encontrado o corpo do índio Mateus Guajajara já nas proximidades de Barra do Corda. O corpo encontrado ainda estava a bordo do pequeno barco que fretamos para as buscas.

Dirigimo-nos imediatamente ao quartel do Batalhão de Polícia e avisamos ao Cel. Neon o reencontro do corpo e a sua chegada à Barra do Corda.

Ficou acertado que o exame cadavérico seria realizado no próprio quartel de Polícia. Depois dos preparativos, levamos ao quartel, em nossa viatura o corpo do índio Mateus e lá foi submetido a exame cadavérico por dois médicos da cidade e o da FUNAI. Após o exame, enviámos o corpo para a aldeia Coquinho, onde foi sepultado conforme os rituais guajajara.

No dia seguinte fomos convidados a comparecer ao quartel para um encontro com o Cel. Amorim, Comandante Geral da Polícia do Maranhão. No encontro o Cel. Amorim comunicou-nos tudo o que já tinha sido apurado, narrando-nos o seguinte:

- O crime fora praticado realmente pelo Sr. José Maria Moreira Barros, proprietário da Fazenda Rupé, que teria disparado um (01) tiro no índio Mateus e 3 (tres) tiros no índio Loreira Guajajara;

- O crime, segundo o Cel. Amorim, teria sido praticado na presença dos policiais sob o comando do Capitão José Mateus de Souza Lopes que ao invés de prender o criminoso instantaneamente, permitiu a prática do crime e tentou esconder, até mesmo dificultar a investigação.

O Cel. Amorim quis isentar a responsabilidade da

Polícia, jogando a culpa no Capitão Mateus que assistiu e no indivíduo José Maria Moreira Barros que executou o crime. Entretanto a nossa opinião e os fatos assim demonstrados, ocorreu o seguinte:

1. A Polícia Militar do Maranhão juntamente com o indivíduo José Maria Moreira Barros, no dia 26 de fevereiro, por volta das 15:00 horas, sequestraram a mão armada os índios sexagenários MATEUS GUAJAJARA e MOREIRA GUAJAJARA das aldeias Coquinho e Muçum, dentro da reserva indígena guajajara;
2. O indivíduo José Maria Moreira Barros, com requinte de crueldade executou matando a tiros de revólver, de las costas, os índios Mateus Guajajara e Moreira Guajajara, quando se encontrava detido sob o poder da polícia;
3. A Polícia Militar do Maranhão foi co-autora do crime pois sem motivos justificáveis sequestrou os dois índios em parceria com o Sr. José Maria Moreira Barros e permitiu sem nenhuma reação que os índios fossem assassinados;
4. Após o crime executado, a Polícia ao invés de lavrar o flagrante do crime, prendendo o criminoso, omitiu-se, permitindo que existisse a tentativa de ocultação dos cadáveres. A Polícia Militar dificultou sobremaneira as investigações para apurar o desaparecimento dos índios, comprometendo-se seriamente com o delito;



MINISTÉRIO DO INTERIOR

Fundação Nacional do Índio — FUNAI

6ª Delegacia Regional

5. A POLÍCIA MILITAR demonstrando parcialidade e comprometimento com o crime, não tomou nenhuma iniciativa para encontrar os corpos dos índios, sendo que toda iniciativa partia da FUNAI;

6. Infelizmente, até a data deste relatório, ainda não foi encontrado o corpo do índio MORAI-
RA GUAJAJARA que após ser assassinado foi jogado nas águas do rio MARIM.

Ao nosso ver, o inquérito policial instaurado, está sendo conduzido com parcialidade, pois está a cargo da própria Polícia Militar e os depoimentos estão sendo colhidos dentro do próprio quartel da POLÍCIA MILITAR, o que de certa forma intimida o depoente.

É necessário que o inquérito seja conduzido por órgão idôneo, sem comprometimento com a POLÍCIA MILITAR e que tenha condições para realizar as apurações com a isenção necessária.

Esperamos que este bárbaro crime não seja mais um dos cometidos contra os índios que ficam na IMPUNIDADE.

Barra do Corda - P. A., 08 de março de 1980.

JOSE PORFÍRIO DE CARVALHO

Chefe da Adj.ância de Área
de Barra do Corda - 6ª D.R.
FUNAI.